

A missão cristã e o chamado à santidade: Reflexões sobre a vida e a práxis dos discípulos de Jesus Cristo

The christian mission and the call to holiness: Reflections on the life and practice of the disciples of Jesus Christ

*Antonio de Lisboa Lustosa Lopes

** Iran Gomes Brito

***Alfredo Viana Avelar

Resumo

Este artigo aborda a missão cristã à luz do Evangelho, destacando a centralidade de Jesus Cristo e do Reino de Deus na vida dos batizados. A partir de uma análise teológica e pastoral, são discutidos temas como a espiritualidade, a missão da Igreja, a importância da oração e da escuta, e o papel do cuidado pastoral. O texto também reflete sobre a necessidade de uma Igreja em saída, comprometida com a fraternidade, a sinodalidade e a transformação social, destacando a santidade como chamada universal, realçando o exemplo de Maria como modelo de discipulado e a relevância de viver uma fé autêntica, habitada pelo Espírito Santo.

Palavras-chave: Missão

Cristã, Reino de Deus, Espiritualidade, Igreja em Saída, Discipulado, Santidade.

Abstract

This article addresses the Christian mission in the light of the Gospel, highlighting the centrality of Jesus Christ and the Kingdom of God in the life of the baptized. Based on a theological and pastoral analysis, it discusses themes such as spirituality, the mission of the Church, the importance of prayer and listening, and the role of pastoral care. The text also reflects on the need for a Church that goes forth, committed to fraternity, synodality, and social transformation, emphasizing holiness as a universal call, underscoring the example of Mary as a model of discipleship, and the relevance of living an authentic faith, inhabited by the Holy Spirit.

Keywords: Christian

Mission, Kingdom of God, Spirituality, Church that Goes Forth, Discipleship, Holiness.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Contato: alopes@pucsp.br

**Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: iran@facmaedu.com.br

***Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: alfredo.avelar@edu.pucpr.br

Texto recebido em

09.04.2026

Texto aprovado em
29.04.2026



Introdução

A missão cristã e o chamado à santidade constituem dimensões constitutivas e inseparáveis da identidade da Igreja, cuja adequada compreensão exige um constante retorno à sua fonte originária: a pessoa de Jesus Cristo e o anúncio do Reino de Deus. Todavia, no interior da reflexão teológica e da prática eclesial, não são raras as vezes em que tais categorias aparecem fragmentadas ou reduzidas, seja por interpretações que as confinam a uma dimensão estritamente interior e devocional, seja por leituras que as diluem em perspectivas funcionalistas, nas quais a missão é compreendida apenas como atividade e a santidade como ideal abstrato ou inalcançável. Esse duplo risco, de espiritualização excessiva ou de pragmatismo esvaziado de transcendência, compromete a compreensão integral da existência cristã e obscurece o horizonte próprio da fé.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível recuperar a unidade intrínseca entre missão e santidade, reconhecendo que ambas emergem do mesmo núcleo teológico: a participação na vida de Deus, revelada em Jesus Cristo e comunicada pelo Espírito Santo. A santidade, antes de ser um esforço meramente humano ou um ideal moral elevado, encontra sua raiz na própria santidade divina, tal como testemunhada nas Escrituras, nas quais Deus se revela como o absolutamente santo e, ao mesmo tempo, aquele que chama o seu povo a participar dessa santidade. Nesse sentido, o chamado à santidade não pode ser compreendido fora da dinâmica relacional entre Deus e a humanidade, na qual a iniciativa divina precede, sustenta e orienta a resposta humana. A missão, por sua vez, insere-se nessa mesma dinâmica, não como realidade extrínseca, mas como expressão histórica da participação na vida divina, pela qual os discípulos são enviados a tornar visível, no tempo e no espaço, o agir salvífico de Deus.

A renovação eclesiológica promovida pelo Concílio Vaticano II representa, nesse contexto, um ponto de inflexão decisivo. Ao afirmar a natureza missionária da Igreja e a vocação universal à santidade, o Concílio rompe com compreensões restritivas consolidadas ao longo da história, que tendiam a circunscrever a missão a um âmbito geográfico

ou a determinadas funções e a santidade a estados de vida específicos. A partir dessa reconfiguração, a Igreja passa a se compreender como povo de Deus em caminho, chamado a viver, de modo integral e comunitário, a sua vocação fundamental. Tal perspectiva não apenas amplia o horizonte teológico, mas também impõe novos desafios à recepção prática dessas intuições, uma vez que sua assimilação requer a superação de mentalidades profundamente enraizadas no imaginário eclesial.

Nesse horizonte, o desenvolvimento do magistério recente, de modo particular no pontificado do Papa Francisco, evidencia a atualidade e a urgência dessa temática. Ao propor a imagem de uma Igreja em saída, marcada pela proximidade, pela escuta e pela capacidade de encontro, o Papa retoma a centralidade da missão como dimensão constitutiva da vida cristã, ao mesmo tempo em que reafirma a santidade como caminho possível e necessário para todos os fiéis, vivida nas condições concretas da existência cotidiana. Tal perspectiva desloca o eixo da reflexão de uma concepção idealizada para uma compreensão encarnada da fé, na qual missão e santidade se realizam na história, em meio às tensões, fragilidades e desafios próprios do mundo contemporâneo.

Com efeito, o contexto atual, caracterizado por rápidas transformações culturais, fragmentação das relações sociais, intensificação das desigualdades e crises de sentido, interpela profundamente a Igreja em sua autocompreensão e em sua presença no mundo. A crescente tendência ao individualismo, a perda de referenciais comuns e a dificuldade de estabelecer vínculos duradouros evidenciam a necessidade de uma resposta que não seja meramente teórica, mas existencial e testemunhal. Nesse sentido, a missão cristã não pode ser reduzida a um discurso ou a uma atividade pontual, mas deve ser compreendida como forma de vida, na qual a santidade se manifesta como coerência entre fé professada e vida vivida. Trata-se, portanto, de uma práxis que integra espiritualidade, compromisso e abertura ao outro, configurando uma presença significativa no interior das realidades humanas.

A espiritualidade cristã, entendida como vida segundo o Espírito, assume papel fundamental nesse processo, na medida em que constitui o fundamento e a força motriz da missão. Longe de se restringir a

práticas devocionais isoladas, ela implica uma transformação integral da existência, orientando o sujeito para uma relação viva com Deus e com os outros. É nessa experiência que o discípulo encontra os critérios para o discernimento e a capacidade de responder, de modo criativo e fiel, às exigências da missão. Assim, a espiritualidade não apenas sustenta a ação, mas a qualifica, impedindo que a missão se reduza a ativismo e garantindo sua fidelidade ao Evangelho.

Dessa forma, a reflexão sobre a missão cristã e o chamado à santidade exige uma abordagem que seja, ao mesmo tempo, teologicamente consistente e pastoralmente sensível, capaz de articular tradição e atualidade, doutrina e vida, identidade e missão. Não se trata apenas de reafirmar conteúdos já conhecidos, mas de aprofundar sua compreensão e de evidenciar suas implicações concretas para a vida dos fiéis e para a ação da Igreja no mundo. É nesse sentido que se justifica a presente investigação, que busca contribuir para uma compreensão mais integrada e dinâmica dessas duas dimensões fundamentais da existência cristã.

Assim, o objetivo deste artigo consiste em refletir sobre a relação intrínseca entre missão e santidade, evidenciando como ambas se iluminam mutuamente e se realizam na vida e na práxis dos discípulos de Jesus Cristo. Para tanto, adota-se uma abordagem teológica de caráter qualitativo, com base em revisão bibliográfica, articulando a Sagrada Escritura, os documentos do Concílio Vaticano II e contribuições da teologia contemporânea. Pretende-se, com isso, não apenas aprofundar a compreensão conceitual desses temas, mas também indicar caminhos para sua concretização na vida eclesial, de modo que a Igreja possa, com renovado vigor, responder ao seu chamado de ser sinal e instrumento da presença de Deus no mundo.

A centralidade de Jesus e do Reino de Deus

A missão de Jesus foi marcada pelo anúncio do Reino de Deus como uma realidade presente e acessível (Lc 17,20-21). Ele proclamou que o Reino de Deus estava próximo (Mc 1,15), convidando as pessoas à conversão e à fé. Esse anúncio não era apenas uma mensagem verbal, mas uma prática concreta que se manifesta em gestos de cura, acolhida

e libertação. Jesus revelou que o Reino de Deus é um espaço de justiça, paz e amor, onde todos são chamados a viver como irmãos e irmãs. O Reino que ele inaugura, ainda que venha a realizar-se plenamente em um porvir que é mistério, tem efeitos concretos no presente. Não se trata de um Reino abstrato e espiritualista, mas concreto e com efeito político.

Por que, então, se chama hoje abstrato o que ontem foi concreto e eficaz? Não será porque já não criamos cristologias, se é que podemos usar tal termo nesse sentido positivo? A cristologia única, como tentativa de converter em tratado o que em Jesus foi vida, projeto, concretização situada, só pode fugir do problema do tempo mediante a abstração. Uma fé sem ideologias evita certamente o ‘perigo’ de chamar Jesus de político. Mas o preço desta neutralidade segura é a insignificância de Jesus para o homem. E a impossibilidade da fé. (Segundo, 1985, p. 157)

Efetivamente, “Em Jesus Cristo, a relação entre Deus e os homens é definida e configurada no amor. Esse é um dado fundamental para captar o núcleo da experiência cristã” (Pagola, 2020, p. 108). O Reino de Deus, conforme anunciado por Jesus, é uma realidade que transforma vidas e relações. Ele não se limita a um lugar físico, mas é uma experiência de comunhão com Deus e com os outros. Jesus mostrou que o Reino de Deus é inclusivo, alcançando, especialmente, os marginalizados e excluídos, que nada mais tem a esperar do mundo e que só podem esperar tudo de Deus (Bornkamm, 1975, p. 70).

Sobre o horizonte do Reinado de Deus, torna-se salutar a concepção do Papa Francisco, afirmando que: “a promoção da amizade social implica não só a aproximação entre grupos sociais distanciados a partir dum período conflituoso da história, mas também a busca dum renovado encontro com os setores mais pobres e vulneráveis” (FT 233). Essa linha de pensamento encontra eco na missão de Jesus marcadamente pela compaixão. O seu agir leva-nos ao alcance da seguinte compreensão: “é o amor que rompe as cadeias que nos isolam e separam, lançando pontes; amor que nos permite construir uma grande família onde todos podemos nos sentir em casa (...). Amor que sabe de compaixão e dignidade” (FT 62).

A vida cotidiana de Jesus e a sua práxis mostram-nos que o Reino é uma expressão do amor de Deus. Sua missão traduziu-se num convite à

transformação pessoal e comunitária, chamando as pessoas a viverem de acordo com os valores do Reino. Jesus é, portanto, o modelo perfeito de evangelizador, que anuncia o Reino de Deus com palavras e ações. E da nossa parte, “só podemos anunciar o nosso Deus como Boa Notícia se soubermos introduzir sua amizade e sua grande bênção neste mundo às vezes inóspito” (Pagola, 2020, p. 124).

Sendo assim, podemos afirmar que a missão de Jesus é um chamado à esperança. Ele mostrou que o Reino de Deus é uma realidade que supera as limitações humanas, oferecendo uma nova perspectiva de vida:

O reino de Deus que Jesus anuncia não é, em primeiro lugar, um novo tipo de reino, plantado em meio aos reinos dos homens e diferenciado deles por uma espécie de gueto. Não é ‘um lugar’ em que reina Deus ou seus representantes em uma espécie de nova teocracia. Não é algo simplesmente jurídico, externo, sustentado por algumas leis humanas que ‘obriguem’ a crer. É muito mais (Descalzo, 1996, p. 24).

Sua ressurreição é a prova de que o Reino de Deus é uma promessa de vida eterna, que nos inspira a viver com fé e confiança. A missão de Jesus é, assim, o fundamento da esperança cristã. Portanto: “no cristianismo, não se pode separar a adoração do serviço ao homem, nem conhecimento de Deus do conhecimento das pessoas e do mundo” (Halík, 2022, p. 42).

O fato de termos mencionado que o Reino anunciado e inaugurado pelas palavras e obras de Jesus tenha, não apenas uma dimensão trans-histórica, mas histórico-política, não significa que tenha sido um projeto sem espiritualidade, mas, ao contrário, profundamente marcado por uma experiência de comunhão orante. Por isso, a oração e o discernimento são elementos essenciais na vida dos discípulos de Jesus. Antes de tomar decisões importantes, Jesus dedicava tempo à oração, buscando a orientação do Pai, isto é, a comunhão com o coração de Deus. Um exemplo claro disso é o momento em que Ele escolheu os doze apóstolos, após passar a noite em oração (Lc 6,12-16). Esse gesto revela que a missão de Jesus estava profundamente enraizada na comunhão com Deus: “eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

A oração é, portanto, um espaço de encontro com Deus, onde os discípulos podem buscar força e orientação para sua missão. Ela não é apenas um ato de devoção, mas uma prática que transforma o coração e a mente, ajudando os discípulos a discernir a vontade de Deus. O Papa Francisco afirma que “a oração suscita sempre sentimentos de fraternidade, abate as barreiras, supera os confins, cria pontes invisíveis, mas reais e eficazes, abre horizontes de esperança” (Papa Francisco, 2019).

E no tocante ao discernimento, podemos dizer que se trata da capacidade de perceber os sinais de Deus na vida e na missão. Ele exige atenção e sensibilidade para reconhecer a presença de Deus nas circunstâncias cotidianas. O discernimento é um processo que nos ajuda a tomar decisões alinhadas com a vontade de Deus, evitando escolhas impulsivas ou egoístas. Ele é, portanto, uma prática que fortalece a missão dos discípulos, ajudando-os a viver de acordo com os valores do Reino. À luz do discernimento, o discípulo:

Nunca se fecha, nunca se refugia nas próprias seguranças, nunca opta pela rigidez auto-defensiva. Sabe que ele mesmo deve crescer na compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito, e assim não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada (EG 45).

Portanto, a oração e o discernimento são formas de fortalecer a comunhão entre os discípulos e Jesus. Essa união é essencial para a missão, pois é dela que vem a força e a inspiração para anunciar o Reino de Deus. A oração e o discernimento são, por seu turno, práticas que nos ajudam a viver como verdadeiros discípulos de Jesus, nos constituindo Igreja, a continuadora de sua missão.

A missão de Jesus e a missão da Igreja estão profundamente interligadas: “a missão da comunidade cristã está entrelaçada com a ‘missão de Deus’ em Jesus Cristo.” (Suess, 2007, p. 64). Jesus confiou à Igreja a tarefa de continuar sua obra, anunciando o Reino de Deus a todas as nações (Mt 28,19-20). Essa missão é um chamado à evangelização, que é o coração da identidade da Igreja. A Igreja é, portanto, a comunidade dos discípulos de Jesus, que são enviados para proclamar o Reino de Deus no mundo.

A missão da Igreja é uma expressão da comunhão com Jesus. Ela é chamada a permanecer unida a Ele, como ramos que dependem da videira para produzir frutos (Jo 15,15). Eis, porque o nosso “desafio é viver de tal forma a própria doação, que os esforços tenham um sentido evangélico e nos identifiquem cada vez mais com Jesus Cristo” (GE 28). Para tanto, a vida no Espírito é importante, pois nenhuma ação da comunidade discipular encontra eco na ação de Jesus e, portanto, possui consistência sem uma espiritualidade como plano de fundo. Por conseguinte, “a grande riqueza da espiritualidade cristã, proveniente de vinte séculos de experiências pessoais e comunitárias, constitui uma magnífica contribuição para o esforço de renovar a humanidade” (LS 216).

A missão da Igreja é continuar o exemplo de Jesus Cristo Salvador fazendo acontecer o reino de Deus aqui e agora, caminhando na esperança de sua plenitude em um lá e então (LG 5). Ao passo em que a Igreja se compreende como sacramento, sinal ou instrumento de comunhão com Deus e entre os seres humanos, e se empenha pela consumação de tal comunhão (LG 1), sua nota de *santidade* fulgura através da *santificação* de seus membros que, autenticamente, se dispõem a palmilhar o caminho percorrido por Jesus. Portanto, a missão da Igreja e a santidade de seus membros só podem ser compreendidos e vividos a partir da pessoa de Jesus Cristo e do horizonte do reino.

A espiritualidade como mobilização para a missão

Além da centralidade da pessoa de Jesus Cristo e do horizonte do Reino de Deus, que através de sua vida irrompeu na história, a missão da Igreja e a consequente santificação de seus membros só pode ser realizada no Espírito que procede do Pai e do Filho e que a vivifica e dirige (LG 4). Espiritualidade cristã é vida a partir do Espírito Santo, que interpela a Igreja a promover a dilatação do Reino “já” e a enche de esperança e expectativa em sua consumação que “ainda não” se deu:

Vida a partir do Espírito Santo de Deus significa: aceitar a vida como presente, dar espaço a outra vida, viver em relações, deixar-se libertar e libertar outros, esperar a consumação de Deus não obstante todo o engajamento. Pode-se considerar uma espécie de fórmula abreviada disso a seguinte frase da quarta oração eucarística “[...] a fim de não

mais vivermos para nós, mas para Ele, que por nós morreu e ressuscitou, enviou de vós, ó Pai, o Espírito Santo, como primeiro dom aos vossos fiéis para santificar todas as coisas, levando à plenitude a sua obra”. (Hilberath, 2012, p. 490).

A espiritualidade, pois, pode ser definida como a vivência da fé em Deus, que permeia todas as dimensões da vida humana. A espiritualidade cristã abarca o ser humano em sua integralidade, em sua pessoalidade, compreendendo-o em sua realidade unidual, “corporeidade” e “alma racional” (Boff, 2012, p. 23-24). Ela é a busca pela comunhão com o transcendente, que nos inspira a viver de acordo com os valores do Reino de Deus. A espiritualidade é a evolução existencial da vida segundo o Espírito, experimentada pelo homem que caminha para a plenitude da comunhão com Deus. Portanto, não é apenas uma prática religiosa, mas sim uma experiência transformadora que nos aproxima de Deus. Ora, “em sua plenitude, a espiritualidade cristã é a síntese entre o espírito de Jesus e a aceitação da sua pessoa e do seu Evangelho” (Galileia, 1983, p. 76).

Por este prisma, podemos afirmar que na vida cristã, a espiritualidade é mobilização para a missão. Ela nos capacita a viver como discípulos de Jesus, assumindo sua missão de anunciar o Reino de Deus. Além disso, ela nos ajuda a discernir a vontade de Deus e a viver de acordo com seus ensinamentos, tornando-nos testemunhas do Evangelho. Também, fortalece-nos para enfrentar os desafios da missão, renovando a fé e a esperança. A espiritualidade é, portanto, uma força que nos impulsiona a viver e anunciar o Reino de Deus, “pois o Espírito Santo, que habita o interior do crente, trabalha em sua vida, torna as relações cada vez mais totais e pessoais. Num determinado momento, essas relações adquirem modalidades novas por iniciativa divina” (Frederico, 1996, p. 501-502).

Para tal, a configuração a Cristo é um aspecto central da espiritualidade cristã. O Espírito presentifica Jesus Cristo à Igreja, de modo que pode experimentá-lo ressuscitado e, pela relação com Ele no Espírito, configurar-se a Ele, isto é, viver como Jesus viveu, assumindo sua missão de cuidar dos outros com amor e dedicação

O Espírito Santo presenteia a vida nova revelada em Cristo a partir do Pai. Ele capacita os seres humanos a superarem as formas egoístas de comportamento herdadas e adquiridas e edificarem uma comunhão de

verdadeira vida e verdadeira liberdade. A Igreja que serve ao Espírito como instrumento de sua atuação santificadora e curativa, caracteriza-se permanentemente pela tensão entre o vincular-se do Espírito e sua atuação livre e indisponível. A Igreja não vive a partir de si mesma, mas a partir do Espírito vivificador de Deus, e ela não vive para si mesma, mas se realiza na existência em favor dos outros (Hilberath, 2012, p. 495).

Os evangelhos apresentam Jesus Cristo através de muitas figuras: Messias, Filho do Homem, carpinteiro, profeta, porta, luz, videira etc. Cada uma destas expressões revela algo de sua personalidade e todas elas juntas não esgotam o mistério de seu ser, se são muitas as figuras atribuídas a ele, pode-se afirmar que há possibilidades de configurações. Aqui, propomos uma configuração à luz da figura de Jesus como Bom Pastor que conhece suas ovelhas e dá a vida por elas (Jo 10,11). Ele é o modelo perfeito de cuidado pastoral, que nos inspira a viver a espiritualidade como expressão do amor de Deus. Sendo assim, a configuração a Cristo como Bom Pastor é uma forma de viver a espiritualidade de maneira prática.

Em sua obra *a Mística do instante* (2016), o Cardeal Tolentino faz uma proposta de uma espiritualidade possível às pessoas na atualidade, apresentando uma alternativa à visão tradicional que associa espiritualidade à interioridade: uma espiritualidade vivida através das percepções cinco sentidos através dos quais Deus comunica-se ao ser humano e os seres humanos comunicam-se entre si e com o mundo. A partir desta proposta e considerando-se o modelo de Jesus como Bom Pastor ao qual os cristãos são chamados a se configurar, podemos afirmar que: assim como o pastor vê, escuta, toca, alimenta e cheira suas ovelhas, as ovelhas veem, escutam, tocam, alimentam-se e cheiram o pastor; esta íntima relação entre pastor e ovelha gera configuração. A relação dos cristãos, no Espírito, com o Bom Pastor, configura-os, no mesmo Espírito, ao Bom Pastor: ovelhas, configuradas ao pastor, cuidam de ovelhas.

Neste sentido, “a espiritualidade, portanto, para o cristão, é não apenas uma maneira de comportar-se diante de Deus, um estilo de rezar, mas uma maneira de conceber a própria existência enquanto serviço oferecido ao outro” (Bingemer, 2013, p. 141). Segundo Ladaria (2015) o Espírito Santo “é de algum modo a pessoa divina mais ‘próxima de nós, a mais ‘exterior’ de Deus” (p. 325), uma vez que o Filho é enviado, mas volta

ao Pai, e o Espírito enviado permanece na Igreja. Sendo a espiritualidade cristã uma vida no Espírito, a Igreja habitada pela terceira pessoa da Trindade sai de si em direção a Deus e em direção aos irmãos, no mundo. E nisto se compreende a Igreja em saída e a missão de evangelizar!

A igreja em saída e a missão de evangelizar

O Papa Francisco define a “Igreja em saída” como uma comunidade de discípulos missionários que se movem para além das suas próprias estruturas, indo ao encontro das periferias existenciais e sociais. Segundo ele, a Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que tomam a iniciativa, que se envolvam, que acompanham, que frutificam e festejam (EG 24). Essa visão desafia a Igreja a abandonar a comodidade e a autorreferencialidade, assumindo uma postura de proximidade e compaixão. Ainda no horizonte da Igreja em saída, o Papa Francisco afirma: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). Essa perspectiva exige coragem e ousadia, pois implica sair da zona de conforto e enfrentar os desafios da missão.

Uma Igreja missionária coloca a evangelização no centro do seu discernimento. Ela, como pondera o Papa Francisco, não se limita à manutenção das estruturas existentes, mas busca novas formas de anunciar o Evangelho e de alcançar aqueles que estão distantes da fé. Essa pastoral exige criatividade e ousadia, pois implica adaptar-se às realidades locais e responder aos desafios do mundo contemporâneo. Para tanto, a Igreja chamada a sair para evangelizar e nunca para se perder, deve nutrir a lúcida visão da corresponsabilidade e da participação ativa de todos os batizados na missão evangelizadora. Presentemente:

O amadurecimento no seguimento de Cristo e a paixão por anunciá-lo requerem que a Igreja local se renove constantemente em sua vida e ardor missionário. Só assim pode ser, para todos os batizados, casa e escola de comunhão, de participação e solidariedade (DAP 167).

A palavra participação no Documento de Aparecida aparece quarenta vezes, termo recorrente no horizonte do episcopado latino americano,

para dizer da importância dessa nota de fé experimentada na missão. Sendo assim, uma Igreja missionária e participativa é expressão concreta da sinodalidade, que é a capacidade de caminhar juntos como povo de Deus. Essa sinodalidade exige escuta, diálogo e discernimento, para que a missão da Igreja seja realizada de maneira comunitária e inclusiva. E dessa forma, encetar o seu jeito peculiar de ser Igreja em saída, levando ao mundo coragem e esperança.

Se por um lado, dissemos da centralidade de Cristo na missão da Igreja, por outro lado, destacamos a centralidade da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, pois através dela a Igreja compreende seus atos fundamentais: martíria, liturgia e diaconia (Wiedenhofer, 2012, p. 103). Ora, a Palavra de Deus é o fundamento da vida e da missão da Igreja. Ela é a fonte de inspiração e orientação para todas as ações pastorais e ações missionárias. A Palavra forja encontro autêntico e pavimenta o caminho missionário da Igreja, pois: “aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?” (EG 8). No entanto, a Palavra é a maneira mais original da comunicação do amor de Deus, por isso, “no princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus. Aquele que é a Palavra estava com Deus no princípio” (Jo 1,1).

Destarte, a centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja é expressa na liturgia, na catequese e na vida comunitária. Ela é proclamada e meditada, para que os fiéis possam crescer na fé e no compromisso com o Evangelho. A leitura orante da Bíblia, conhecida como *lectio divina*, é uma prática que ajuda os cristãos a aprofundarem sua relação com Deus e a discernirem sua vontade.

Na missão da Igreja, a Palavra de Deus é o conteúdo principal do anúncio evangelizador. Ela é a mensagem de salvação que a Igreja é chamada a proclamar a todas as nações. Por isso, para o Papa Francisco, o pregador, ou seja, o agente da evangelização

(...) deve ser o primeiro a desenvolver uma grande familiaridade pessoal com a Palavra de Deus: não lhe basta conhecer o aspecto linguístico ou exegético, sem dúvida necessário; precisa de se abeirar da Palavra

com o coração dócil e orante, a fim de que ela penetre a fundo nos seus pensamentos e sentimentos e gere nele uma nova mentalidade (EG 149).

Por esse motivo, sem embargo, podemos afirmar que a Palavra de Deus é fonte de renovação para a Igreja. Ela nos desafia a viver de maneira coerente com os valores do Evangelho, promovendo a justiça, a paz e a solidariedade. A centralidade da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja é, portanto, uma expressão de sua fidelidade ao mandato de Jesus, que nos envia a anunciar o Evangelho a todas as criaturas (Mc 16,15), tendo como horizonte o imperativo de Jesus: “sede santos como vosso Pai Celeste é santo” (Mt 5,48).

O chamado à santidade e o testemunho cristão

A santidade é apresentada pela Igreja como uma vocação universal, ou seja, um chamado dirigido a todos os cristãos, independentemente de sua condição de vida. O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, afirma que “todos os fiéis, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (LG 48). Essa afirmação destaca que a santidade não é um privilégio de poucos, mas um objetivo acessível a todos os que buscam viver em comunhão com Deus. Léthel (2023, p. 11) afirma que o capítulo V sobre “a vocação universal à santidade na Igreja” (LG 39-42) é o coração da constituição dogmática sobre a Igreja.

O Papa Francisco reforça o ideal à santidade, ao afirmar: “o Senhor quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa” (GE 1). A santidade, portanto, é um chamado à plenitude da vida, que se manifesta no amor a Deus e ao próximo. Ela não se limita a grandes gestos heróicos, mas se concretiza nas pequenas ações do dia a dia, realizadas com amor e dedicação:

Para que a caridade, como boa semente, cresça e frutifique na alma, cada fiel deve de boa vontade ouvir a Palavra de Deus e, com o auxílio de sua graça, cumprir com obras a sua vontade, participar frequentemente dos sacramentos, sobretudo da Eucaristia, e das sagradas ações e aplicar-se constantemente à oração, à abnegação de si mesmo, ao atuante serviço fraterno e ao exercício de todas as virtudes (LG 42).

Outrossim, a santidade é um caminho de transformação pessoal e comunitária. Ela nos convida a abandonar o pecado e a viver segundo os valores do Evangelho, promovendo a justiça, a paz e a solidariedade. Esse chamado à santidade é, portanto, uma resposta ao amor de Deus, que nos convida a participar de sua vida divina e a sermos sinais de sua presença no mundo.

Neste quesito, a Igreja apresenta Maria como o modelo perfeito de discipulado e de santidade. Sua vida é um testemunho de fé, obediência e amor a Deus: “Com Maria e como Maria, é preciso entregar-se inteiramente ao fogo do Espírito Santo para abrir o coração à abundância da água viva do mesmo Espírito” (Léthel, 2023, p. 46). Desde o momento da Anunciação, quando respondeu ao chamado de Deus com o “sim” generoso: “eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38), Maria se tornou um exemplo de entrega total à vontade divina.

Para o Papa Francisco, “Maria é a santa entre os santos, a mais abençoada, aquela que nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha” (GE 176). Sua vida é um convite para que todos os cristãos vivam como discípulos fiéis, colocando-se à disposição de Deus e confiando plenamente em sua providência. Maria nos ensina que a santidade é um caminho de humildade e serviço, que se realiza na escuta da Palavra de Deus e na prática do amor ao próximo.

Além disso, Maria esteve presente nos momentos mais importantes da vida de Jesus, desde o seu nascimento até a sua morte na cruz (LG 58). Sua presença junto à cruz (Jo 19,25) é um testemunho de fidelidade e coragem, que inspira os cristãos a permanecerem firmes na fé, mesmo diante das dificuldades. Maria é, portanto, um modelo de discipulado que nos ensina a seguir Jesus com amor e dedicação, vivendo plenamente o chamado à santidade (LG 65).

O testemunho é uma dimensão essencial da vida cristã, pois é por meio dele que os cristãos anunciam o Evangelho e manifestam a presença de Deus no mundo. Jesus, em seu discurso no Sermão da Montanha, exorta seus discípulos: “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos

céus” (Mt 5,16). Essa passagem destaca que o testemunho cristão não é apenas uma questão de palavras, mas de ações concretas que refletem o Deus-amor.

Neste ínterim, o Papa João Paulo II faz a seguinte afirmação: “A primeira forma de testemunho é a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível um novo modo de se comportar” (RM 42). Ele ressalta que o mundo precisa de cristãos que vivam de maneira coerente com os valores do Evangelho, sendo sinais de esperança e instrumentos de transformação. O testemunho cristão é por isso mesmo, uma forma de evangelização que toca os corações e inspira outras pessoas a seguirem Jesus.

Além disso, o testemunho cristão é um chamado à autenticidade e à coerência de vida. Ele exige que os cristãos vivam de acordo com sua fé, promovendo a justiça, a paz e a solidariedade. O testemunho não se limita ao âmbito pessoal, mas se estende à vida comunitária e social, sendo um instrumento de transformação do mundo.

Assim sendo, a importância do testemunho na vida cristã está, por assim dizer, na capacidade que o homem e a mulher de Deus adquirem, para revelar o amor na existencial práxis cotidiana, inspirando pela cultura do encontro, outras pessoas a viverem o chamado à santidade.

A cultura do encontro como resposta aos desafios contemporâneos

O tempo presente que, embora marcado por fortes, rápidas e constantes transformações tecnológicas e que podem potencializar encontros, em se apresentado como tempo de desencontros. Polarizações em todas as dimensões da vida humana têm inviabilizado diálogos lúcidos e producentes. Sons e ruídos, telas e seus distrativos, temporalidade afetada pela correria do dia a dia, pela imersão no mundo digital e pelo descuido com o substancial da existência. A indústria cultural parece manipular a sensorialidade humana, inclinando-a ao consumo de bens em vez de mobilizar o ser humano à consumação de sua pessoalidade. O ser humano que consome também é consumido e não se consoma devido às relações interpessoais deficitárias que estabelece. É perceptível o processo de inscícia do desencontro afetando a humanidade.

A cultura do encontro, forte apelo do Papa Francisco, torna-se caminho de saída para o enfrentamento dos desafios do mundo atual, marcado por divisões, conflitos e indiferença. Ela se baseia na ideia de que o ser humano é, por natureza, um ser de relações, chamado a viver em comunhão com os outros. A cultura do encontro, por esse prisma, é uma forma de promover a fraternidade e a solidariedade, superando as barreiras que nos separam.

Dessa forma, o Papa Francisco afirma que “o isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação” (FT 30). Ele nos convida a cultivar a proximidade e a cultura do encontro, que nos permitem reconhecer a dignidade de cada pessoa e construir relações mais humanas e fraternas. A cultura do encontro é, assim, uma resposta aos desafios contemporâneos, como o individualismo, a desigualdade e a violência.

A cultura do encontro exige abertura e disposição para escutar o outro. Ela nos chama a superar preconceitos e estereótipos, acolhendo as pessoas como elas são: com suas histórias e experiências. Essa atitude de acolhida é essencial para construir pontes e promover a reconciliação, especialmente em contextos de conflito e divisão. Por isso, interessa-nos, caminhar “na labuta por favorecer a cultura do encontro que exige que, no centro de toda a ação política, social e econômica, se coloque a pessoa humana, a sua sublime dignidade e o respeito pelo bem comum” (FT 232).

Nestes termos, podemos afirmar que a cultura do encontro é uma expressão da missão evangelizadora da Igreja. Ela nos chama a sair ao encontro das periferias, onde estão os mais necessitados do anúncio do Evangelho. Esse encontro não é apenas físico, mas espiritual e afetivo, demonstrando o amor de Deus por meio de gestos concretos de solidariedade e compaixão.

A proposta de Francisco de uma cultura do encontro pode ser compreendida como um desdobramento do Concílio Vaticano II: Deus vem ao encontro da humanidade (DV); a partir da plenitude desse encontro em Jesus Cristo, ela é enviada em missão para encontrar-se com outros povos (AG); através do encontro com Deus, uno e trino, e com os

irmãos ela é luz para os povos (LG) estabelecendo todas as formas de encontros possíveis: com os demais cristãos não católicos (UR), com os não-cristãos (NA) e com a humanidade de maneira geral, independente de religiosidade ou não (DH), tendo como fonte e ápice de encontros a celebração da fé (SC). Apenas através do encontro frontal com Deus e eclesial com a humanidade a Igreja é sinal de alegria e esperança para o mundo (GS) (cf. Suess, 2015, p. 137).

A sinodalidade como elemento essencial da vida cristã

Encontros consistentes e substanciais acontecem ao longo do caminho. Caminhar junto é o meio para a promoção de uma verdadeira cultura do encontro. Guimarães Rosa (2019), com poesia enxertada de existencialidade, diz que mais importante do que o ponto de partida ou de chegada é o percurso, é o caminho; o real está no caminho. Os encontros reais acontecem a partir do caminho que se faz com, da sinodalidade.

A sinodalidade requer solidariedade. Não é possível caminhar junto sem exercitar a solidariedade. A solidariedade é fundamental na vida cristã (Avelar, 2023, p. 134-144). Trata-se, em última análise, de refletir o amor de Deus, no compromisso com o próximo. Ela nos chama a viver em comunhão com os outros, especialmente, com os mais vulneráveis, promovendo a justiça e a dignidade. Por isso asseguram os padres conciliares:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS 1).

O Papa Francisco afirma que “a solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo e desafiador, torna-se assim um estilo de construção da história, um âmbito vital onde os conflitos, as tensões e os opostos podem alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida” (EG 228). Ele nos convida a viver a solidariedade como um estilo de vida, que se manifesta em gestos concretos de cuidado e partilha.

Sendo assim, a solidariedade é uma expressão do amor de Deus. Ele nos ama como somos e nos chama a amar os outros com o mesmo amor. Esse amor se traduz em gestos de solidariedade, como a ajuda aos necessitados, a defesa dos direitos humanos e a promoção da justiça. A solidariedade é, assim, uma forma de viver o mandamento de Jesus: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34).

Dado o exposto, a solidariedade é uma resposta aos desafios do mundo atual. Ora, num contexto marcado por desigualdades e exclusões de toda sorte, ela nos chama a promover a justiça e a dignidade, especialmente, para os mais vulneráveis. Trata-se de uma forma de transformar a sociedade, mostrando que é possível viver de maneira diferente, isto é, um viver pautado pelos valores do Evangelho.

Considerações finais

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo permitiu evidenciar que a missão cristã e o chamado à santidade não constituem realidades paralelas ou independentes, mas dimensões intrinsecamente correlatas da existência e da identidade da Igreja. Ambas encontram sua fonte na iniciativa salvífica de Deus, revelada em Jesus Cristo e atualizada na história pela ação do Espírito Santo, que configura os fiéis ao próprio Cristo e os envia como testemunhas do Reino. Nesse sentido, compreender a missão sem a santidade implica reduzi-la a mera atividade externa, assim como conceber a santidade sem a missão conduz a uma espiritualidade autorreferencial, incapaz de traduzir-se em compromisso concreto com o mundo.

A centralidade de Jesus Cristo e do Reino de Deus mostrou-se, portanto, como o critério hermenêutico fundamental para a adequada compreensão dessas duas dimensões. A missão de Jesus, marcada pelo anúncio e pela realização do Reino na história, revela que a ação evangelizadora não se limita à proclamação verbal, mas se concretiza em gestos de cuidado, justiça e inclusão. Do mesmo modo, a santidade, enquanto participação na vida divina, manifesta-se na configuração existencial ao modo de ser e agir de Cristo, assumindo uma forma histórica, relacional e comprometida com a transformação das realidades

humanas. Assim, missão e santidade convergem na práxis do discipulado, entendido como seguimento concreto de Jesus no interior das condições reais da vida.

A partir da recepção da eclesiologia do Concílio Vaticano II, tornou-se possível reconhecer a amplitude e a profundidade da vocação cristã, compreendida como chamado universal à santidade e à participação ativa na missão da Igreja. Tal perspectiva não apenas supera visões restritivas do passado, mas também desafia a Igreja contemporânea a assumir, de modo mais consciente e coerente, sua identidade como povo de Deus em caminho. Nesse horizonte, a noção de Igreja em saída, retomada pelo magistério recente, explicita a exigência de uma conversão pastoral que desloca o eixo da autorreferencialidade para a abertura, do fechamento para o encontro, da passividade para o dinamismo missionário.

Entretanto, a efetivação dessa perspectiva não se dá sem tensões. O contexto contemporâneo, marcado por fragmentações culturais, crises de sentido e desigualdades estruturais, interpela a Igreja a repensar continuamente suas formas de presença e de atuação. Nesse cenário, a missão cristã exige não apenas fidelidade ao conteúdo do Evangelho, mas também discernimento das mediações históricas por meio das quais esse Evangelho pode ser anunciado de modo significativo. Ao mesmo tempo, o chamado à santidade desafia os fiéis a viverem uma fé encarnada, capaz de integrar interioridade e compromisso, oração e ação, contemplação e serviço.

Nesse processo, a espiritualidade cristã revela-se como elemento estruturante, na medida em que fundamenta e orienta a ação missionária. É na vida segundo o Espírito que o discípulo encontra a unidade entre ser e agir, evitando tanto o ativismo estéril quanto a interioridade descompromissada. A configuração a Cristo, especialmente na imagem do Bom Pastor, evidencia que a santidade se realiza como cuidado concreto com o outro, como disponibilidade para o serviço e como abertura constante à vontade de Deus. Trata-se, portanto, de uma espiritualidade que se traduz em práxis, na qual a experiência de Deus se torna inseparável do compromisso com a dignidade humana e com a construção de relações mais justas e fraternas.

Além disso, categorias como cultura do encontro e sinodalidade emergem como expressões concretas dessa articulação entre missão e santidade. Ao enfatizar a importância da escuta, do diálogo e da corresponsabilidade, tais categorias indicam caminhos para uma vivência eclesial mais coerente com o Evangelho, na qual a comunidade cristã se reconhece como sujeito coletivo da missão. Nesse sentido, a santidade deixa de ser compreendida em termos individualistas e passa a ser vivida também em sua dimensão comunitária e social, como construção compartilhada de um modo de vida inspirado no Reino de Deus.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a missão cristã e o chamado à santidade convergem na exigência de uma coerência existencial que interpela profundamente a vida dos discípulos de Jesus Cristo. Não se trata apenas de professar uma fé, mas de encarná-la nas múltiplas dimensões da existência, tornando visível, por meio de palavras e ações, a presença transformadora de Deus no mundo. Essa coerência, longe de ser um ideal abstrato, constitui o critério concreto de autenticidade da vida cristã e o fundamento de sua credibilidade no contexto contemporâneo.

Por fim, permanece como horizonte aberto a necessidade de aprofundar continuamente essa reflexão, tanto no âmbito teológico quanto na prática pastoral, de modo que a Igreja possa responder, com fidelidade criativa, aos desafios de cada tempo. A missão e a santidade, compreendidas em sua unidade, não apenas definem o ser da Igreja, mas também orientam o seu agir, convocando cada fiel a assumir, com responsabilidade e esperança, o caminho do discipulado. É nesse percurso, marcado pela ação do Espírito e pela resposta livre do ser humano, que a Igreja se torna, de fato, sinal e instrumento da comunhão de Deus com a humanidade.

Referências

- AVELAR, Alfredo Viana. *Sem solidariedade não há ceia: reflexões a partir de 1Cor 11,17-34*.
- BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2016.
- BINGEMER, Maria Clara. *Ser cristão hoje*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.
- BOFF, Clodovis. *Escatologia: breve tratado teológico-pastoral*. São Paulo: Editora

Ave Maria, 2012.

BORNKAMM, Gunther. Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1975.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. São Paulo: Edições Paulinas, 2019.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Ad gentes sobre a atividade missionária da Igreja.* São Paulo: Edições Paulinas, 2019.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos Conciliares e Pontifícios.* Braga (Portugal): Editorial A. O, 1992.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje.* São Paulo: Paulinas, 2005.

DESCALZO, Juan Luis Martin. *Vida y misterio de Jesús de Nazaret: el mensaje.* Salamanca: Ediciones Sígueme, 1996.

GALILEIA, Segundo. *O caminho da espiritualidade.* São Paulo: Paulinas, 1985.

HALÍK, Tomás. *A tarde do cristianismo: O tempo da transformação.* São Paulo: Paulinas, 2022.

HILBERATH, Bernd Jochen. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, Theodor. (org). **Manual de Dogmática.** Volume 1. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LADARIA, Luis Francisco. *O Deus vivo e verdadeiro: o Mistério da Trindade.* 4 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

LÉTHEL, François-Marie. *A santidade, vocação universal.* Cadernos do Concílio 22. Brasília: Edições CNBB, 2023.

MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante: o tempo e a promessa.* São Paulo: Paulinas, 2016.

PAGOLA, José Antonio. *Anunciar Deus hoje como boa notícia.* Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

PAPA AO APOSTOLADO DA ORAÇÃO: O CORAÇÃO DA MISSÃO DA IGREJA É A ORAÇÃO. **Vatican News.** 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-06/papa-apostolado-oracao-coracao-missao-igreja-rede-mundial.html>. Acesso em: 10 out. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade social.* Brasília: Edições CNBB, 2020.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho.* Brasília: Edições CNBB, 2013.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si sobre o cuidado da casa comum.* Brasília: Edições CNBB, 2015.

PAPA FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate: sobre o chamado à santidade no mundo*

atual. São Paulo: Paulus, 2018.

PAPA JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Redemptoris Missio*. Vatican. 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 15 out. 2025.

PAPA PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Edições Paulinas, 2015.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SALVADOR, Federico Ruiz. **Compêndio de teologia espiritual**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SEGUNDO, Juan Luis. **O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: sinóticos e Paulo história e atualidades**. São Paulo: Paulinas, 1985.

SUESS, Paulo. **Introdução à Teologia da Missão**. Convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. Petrópolis: Vozes, 2015.

WIEDENHOFER, Siegfried. Ecclesiology. In: SCHNEIDER, Theodor. (Org.). **Manual de Dogmática**. Volume 2. Petrópolis: Vozes, 2002. Léthel caderno sobre a santidade.